

A arqueologia na Serra da Capivara

Maria Eduarda Crivelenti da Costa¹

Orientador: Vitor Ikeda²

Resumo: Esse estudo tem como objetivo investigar a relevância das evidências encontradas no Parque Nacional (Parna) da Serra da Capivara, localizado no Piauí, para o campo da arqueologia. Os achados estimulam o debate sobre as teorias existentes acerca da ocupação e colonização da América por *hominídeos*³. Para isso, serão utilizados relatos e artigos da arqueóloga responsável pelo parque e seus achados, Niède Guidon, além de pesquisas baseadas em textos explicativos de pré-história e arqueologia, como os livros “Pré-História do Brasil” e “Introdução à Arqueologia”, ambos de Pedro Paulo Funari.

Palavras Chave: Parque Nacional da Serra da Capivara; Niède Guidon; Teoria de ocupação das Américas.

Abstract: This essay aims to investigate the relevance of evidence found in the Serra da Capivara National Park (Parna), located in Piauí, for the field of archeology. The findings stimulate debate about the theory about the occupation and colonization of America by *hominids*. For this, reports and articles by the archeologist responsible for the park and its findings, Niède Guidon, will be used, as well as research-based on explanatory texts on prehistory and archeology such as the books “Pre-History of Brazil” and “Introduction to Archeology”, both by Pedro Paulo Funari.

Keywords: Serra da Capivara National Park; Niède Guidon; Theory of occupation of the Americas.

Introdução

Para a investigação proposta, primeiro faremos algumas considerações sobre o campo da arqueologia, detalhando seus meios de estudo e bases de pesquisa. A seguir, para entender melhor o contexto regional do Parque da Serra da Capivara, o mais rico em sítios arqueológicos do Brasil, será feito um aprofundamento na arqueologia brasileira, apontando suas influências, teorias e investimentos e, por fim, apresentaremos uma exposição dos achados no parque e sua relação com as teorias já existentes, também expostas no trabalho.

O debate sobre os achados do parque pela equipe de Niède e sua relevância para o campo da arqueologia, principalmente para a atual teoria de ocupação das Américas, utiliza como base os textos analisados de Pedro Paulo Funari e entrevistas da própria arqueóloga.

O debate arqueológico

Arqueologia é o estudo de vestígios materiais deixados por grupos sociais do período anterior ao movimento organizacional e início do uso da escrita, definido como *pré-história*⁴, sendo considerada por Funari e Noelli (2005) a principal fonte de acesso ao passado. Baseia-se em escavações e prospecções arqueológicas para resgatar esses vestígios materiais deixados por *hominídeos* que, assim que encontrados, são categorizados e datados por meio de técnicas forenses como a investigação por Carbono 14, termoluminescência, ou o uso de urânio e potássio radioativos.

¹ Aluna do 3º ano do ensino médio, Escola Bilíngue Pueri Domus.

² Professor de História e Sociologia da Escola Bilíngue Pueri Domus.

³ “termo utilizado para se referir em sentido amplo a todos os antepassados do homem atual” (FUNARI, NOELLI, 2005).

⁴ Pré-história é definida como o “extenso período anterior à invenção da escrita. (...) trata dos últimos. 100 a 200 mil anos, período em que existe a espécie humana, (...) 99,9% do passado portanto.” (FUNARI, NOELLI, 2005 p. 13).

Após a categorização e datação dos vestígios, iniciam-se especulações sobre sua sociedade. Durante a categorização, considerando material e formato, podem ser classificados entre materiais de uso cotidiano (líticos); peças com significado simbólico, eventualmente até usadas no dia a dia da sociedade (zoólito); e pinturas e gravuras representando o modo de vida ou figuras e acontecimentos simbólicos (pinturas rupestres), ou ainda, ossadas de indivíduos e animais.

No continente americano, a pré-história é considerada o período anterior à chegada dos europeus no continente, no final do século XV, mas sabe-se que antes disso civilizações ameríndias já utilizavam sistemas de escrita muito elaborados, como os Maias e os Incas da América Central, e Nambiquaras e Tupis, que utilizavam pinturas corporais e adereços como forma de escrita na América do Sul.

Essa diferença ocorre pela referência dos estudos e história serem eurocentristas (FUNARI, NOELLI, 2005), excluindo a existência e interesse na cultura e homem *paleoíndio*⁵. Esse fato é influenciado pela exploração a partir da chegada dos europeus no continente, causando grande massacre indígena e de certa forma apagando a história que havia ali.

Atualmente observa-se a falta de interesse e de estímulo ao estudo das sociedades ameríndias pelo governo brasileiro. A falta de legislação, financiamento e proteção aos dados históricos são denunciadas nas entrevistas da Diretora do Parna da Serra da Capivara, Niède Guidon (2015): suas pesquisas são financiadas pelo governo francês e ela aponta para a dificuldade em manter a preservação do parque pela falta de auxílio e financiamento do governo brasileiro. Guidon aponta que, além da dificuldade de manter os funcionários do parque, também há escassez no incentivo ao turismo na região devido à falta de estrutura – inexistência de estradas e aeroportos que facilitariam o acesso à região –, algo que ajudaria no financiamento das pesquisas e na manutenção do museu ali criado.

Na constituição, como visto em estudos e pesquisas, iniciou-se a proteção de territórios de importância científica há poucos anos: “o primeiro Parna só foi criado em 1937, anterior à constituição de 37, que abordou a questão da natureza no artigo 134, com o propósito de incentivar a pesquisa científica e oferecer lazer às populações urbanas”. (ESTEVES, 2006, p. 4)

O quadro abaixo traz as três mudanças na legislação brasileira em relação às definições de Parque Nacional, sendo a última delas, a definição sancionada pelo SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza). (ESTEVES, 2006)

Tabela 2 - Conceito atribuído a Parque Nacional segundo o Marco Legal

Marco Legal	Instrumento	Conceito
Código Florestal de 1934	Decreto 23973, de 24 de janeiro de 1934 (art.9º)	“Os parques nacionais, estaduais e municipais constituem monumentos públicos naturais, que perpetuam em sua composição florística primitiva, trechos do país, que, por circunstâncias peculiares, o merecem”. § 1º É rigorosamente proibido o exercício de qualquer espécie de atividade contra a flora e a fauna dos parques
Código Florestal de 1965	Lei 4771, de 15 de setembro de 1965 (art.5º)	“Com a finalidade de resguardar atributos excepcionais da natureza, conciliando a proteção da flora, da fauna, e das belezas naturais, com a utilização para objetivos educacionais, recreativos e científicos”.
SNUC	Lei 9985, de 18 de julho de 2000 (art. 11)	“O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico”.

⁵ Termo utilizado para se referir a *hominídeos* presentes na América (antes de 8 mil a.C.).

Teorias existentes

Estudos mitocondriais (SOUZA, 2011) e datações mais antigas, evidenciam que a espécie *Homo sapiens sapiens* é proveniente da África, sugerindo uma melhor adaptação às savanas e uma ocupação tardia das áreas tropicais. Iniciando sua emigração apenas em 52 mil AP⁶.

O trajeto defendido pelo paleontólogo e arqueólogo Florentino Ameghino no início do século XX é a ocupação em direção à Oceania e Eurasia após a dispersão pela África, “chegando às Américas pelo estreito de Bering, em algum dos três últimos períodos de glaciação (40 mil, 25 mil, 14-9 mil AP)” (FUNARI, NOELLI, 2005, p. 30), que unia os continentes Ásia e América do Norte como uma ponte de gelo.

O mapa demonstra, por meio das setas o possível trajeto, que é defendido por Ameghino, da dispersão do hominídeo e sua chegada às Américas.⁷



Descobertas do Parque Nacional da Serra da Capivara

Niède Guidon e a equipe franco-brasileira se aventuraram em 1973 pelo interior do estado do Piauí – São Raimundo Nonato – em busca de pinturas rupestres. Segundo a pesquisadora (GUIDON, 2003), a região teria possuído uma grande diversidade de produtos naturais, o que facilitaria o desenvolvimento de uma sociedade relativamente numerosa e de longa duração.

Atualmente a região abriga 55 sítios com pinturas rupestres, materiais líticos e restos de fogueiras, datados em até 50 mil anos, causando dúvidas sobre a teoria existente de ocupação dos continentes. Assim, Guidon (2003) reformula a teoria de

⁶ Sigla utilizada em arqueologia como “Antes do presente”, equivalente à antes de 1950.

⁷ Ilustração disponível em Funari e Noelli (2005, p. 27).

ocupação dos continentes com base em suas datações, e traz à ideia de que a capacidade intelectual do *hominídeo* adaptada para atravessar o canal gelado, teria também criado meios de navegação, pelos quais os homens viajaram de ilha em ilha do Pacífico até a América.

Avaliação de fontes

Niède Guidon é historiadora formada pela Universidade de São Paulo (USP) com doutorado em Pré-História pela Universidade Panthéon-Sorbonne em Paris. Conhecida mundialmente por defender sua teoria, atualmente é Diretora e Presidente da Fundação Museu do Homem Americano, criada para preservação do patrimônio cultural e natural presente no Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato. Com experiência na área de arqueologia e ênfase em Arqueologia Pré-Histórica, ela foi pioneira na escavação, estudo e documentação dos achados do Parque. O artigo (GUIDON, 2003) em que esta pesquisa é baseada, foi postado na ComCiência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, do laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, em conjunto com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e é um relato de como foi o achado das descobertas do Parna e quais foram suas hipóteses. A pesquisadora também relata neste artigo a aceitação de suas hipóteses pela Sociedade Científica e Arqueológica ao redor do mundo. A utilização desta documentação foi fundamental para a produção desse estudo, que apresenta informações históricas sobre o objeto de pesquisa, sendo uma fonte confiável pelo embasamento no trabalho histórico reconhecido mundialmente.

Outra importante fonte para esse projeto foi o livro Pré-História do Brasil, de Pedro Paulo A. Funari e Francisco Silva Noelli, publicado em sua 4ª edição e 6ª impressão. Funari, é bacharel em história, mestre em Antropologia Social, doutor em Arqueologia pela USP e pesquisador associado da Illinois State University. Francisco Silva Noelli é formado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e fez doutorado em Arqueologia na Universidade de Lisboa. O livro sobre arqueologia aborda diferentes hipóteses, estudos e perspectivas de diversos autores, apresentando ao leitor todas as vertentes da arqueologia. Esta fonte foi essencial para o primeiro contato e entendimento da arqueologia e arqueologia brasileira, também subsidiando o conteúdo específico apresentado neste artigo.

Além dele, outros estudos e materiais de autores já citados ou similares, retirados da revista ComCiência, que tratam os paralelos entre a arqueologia no Brasil, seus paradigmas, a arqueologia europeia (BUENO, MACHADO, 2003), a colonização da América do Sul e a criação de parques arqueológicos foram utilizados como base para a elaboração deste artigo.

Para fazer uma análise coerente do material encontrado *versus* a hipótese existente, deve-se levar em consideração, assim como para todas as ciências, que “não se pode tirar conclusões pela ausência de dados pois eles podem surgir a qualquer momento: devemos sempre ter cuidado, pois sempre podem surgir informações novas” (FUNARI, NOELLI, 2005). Na arqueologia, em especial, a falta de dados muitas vezes se dá pela inviabilização do uso dos vestígios encontrados, que ocorre pelas incoerências de seu discurso. Este, provavelmente, é o maior obstáculo para arqueólogos e historiadores na justificação e elaboração de suas hipóteses.

A própria definição do seu principal objeto de estudo, a *pré-história*, pode ser considerada extensa e abrangente, apresentando apenas 0,1% do período de existência de *hominídeos*. Ainda há uma diferenciação para esse período no território americano,

que é estendido até 1492, na chegada dos europeus ao continente, desconsiderando as sociedades e culturas ameríndias.

Dentro de seu discurso, a arqueologia também apresenta subjetividade na classificação dos vestígios materiais encontrados e sítios arqueológicos, dificultando a padronização e elaboração coerente de hipóteses para toda sociedade arqueológica, como é o caso da relatividade no conceito de sítio arqueológico, dependendo do ponto de vista do historiador.

Isso também ocorre quando se trata da classificação dos vestígios encontrados, que apesar de haver classes específicas para cada tipo de vestígio, cabe ao historiador responsável determinar qual a mais adequada, levando para o estudo um tom de subjetividade e deixando margem para contestação e negação de outros historiadores. Esse problema é observado na teoria de Niède Guidon sobre os vestígios achados no Parna Serra da Capivara, onde seu vestígio com datação mais antiga, que contestaria a teoria atual sobre uma ocupação tardia das Américas, é um resquício de carvão que ela afirma ser de uma fogueira iniciada por uma sociedade homínideia, mas para outros arqueólogos ao redor do mundo a causa da fogueira analisada por Guidon e sua equipe não se daria por ações humanas e sim causas naturais, desconsiderando a existência de uma sociedade ameríndia ali.

Além da controvérsia sobre a classificação apresentada por Guidon, sua hipótese sobre a ocupação dos continentes também apresenta pouca credibilidade para os arqueólogos, pois como dito por eles, a visão de um *hominídeo* pré histórico navegando de ilha em ilha do Pacífico até chegar à América por um movimento messiânico, seria uma hipótese romantizada e pouco realista, já que estes não teriam motivação para tal feito, além de não se ter vestígios com datação tão antiga nas regiões onde ela afirma que eles poderiam ter passado.

Porém a teoria atual, apesar de ser a mais aceita, também apresenta incoerências contestadas por muitos arqueólogos. A hipótese de se ter um *hominídeo* pré-*sapiens* nas Américas já havia sido desclassificada pela falta de dados concretos, além de ainda haver objeções sobre o porquê um pré-*sapiens* deixaria a região África-Eurásia, onde tinha uma boa adaptação, para se aventurar em regiões geladas. Há ainda mais arqueólogos, como Maria Beltrão (*apud* FUNARI, NOELLI, 2005), que acreditam que, como essas espécies habitavam regiões em volta do Equador na Eurásia e África, não haveria porquê eles não habitarem também essa região na América.

Com isso, retoma-se a afirmação de Funari e Noelli, de que não se pode tirar conclusões pela falta de dados concretos, considerando que as regiões tropicais americanas, pela sua diversidade e vastidão de florestas, acabam sendo mais difíceis de analisar, tornando-se um ambiente pouco estudado, sem eliminar a hipótese de uma sociedade pré-*sapiens* ter passado por ali.

Conclusão

Apesar dos muitos paradoxos que inviabilizam a criação de uma hipótese, não se pode negar que, para a arqueologia no Brasil, a descoberta dos artefatos arqueológicos na região e sua intensa repercussão e importância internacional, trouxeram mais visibilidade para este território tão vasto e pouco estudado no decorrer dos anos. Isso pode ser visto como uma forma de atrair mais pesquisadores a investir em pesquisas nessas áreas, assim como Niède Guidon o fez na tentativa de reconstruir a história ameríndia destruída pelos europeus em sua chegada. A esse respeito, vale o esforço de gerar mais debates com os possíveis novos achados que contestam a hipótese atual.

Apesar disso, não se pode afirmar que os vestígios encontrados no Parque Nacional da Serra da Capivara por Niède Guidon e sua equipe acrescentaram descobertas de forma significativa para o conhecimento arqueológico, pois estes são desclassificados por arqueólogos ao redor do mundo. Contudo, apesar de não incorporarem uma nova teoria aceita ou mudança no campo, os achados nas regiões sul-americanas se mostraram relevantes, gerando debates para esta área da ciência, questionando as teorias existentes e estimulando mais estudos na região.

Referências bibliográficas

BUENO, L. M. R.; MACHADO, J. S. “Paradigmas que persistem: as origens da arqueologia no Brasil”. **ComCiência** - Revista Eletrônica de Jornalismo e Ciência, 10 set. 2003. Disponível em <<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq16.shtml>>. Acesso em 30/9/2021.

ESTEVES, C. M. P. **Evolução da criação dos Parques Nacionais no Brasil**. (Monografia em Engenharia Ambiental). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FUNARI, P. P.; NOELLI, S. **Pré-História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

GUIDON, N. “Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara - Sudeste do Piauí”. **ComCiência** - Revista Eletrônica de Jornalismo e Ciência, 10 set. 2003. Disponível em <<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq10.shtml>>. Acesso em 30/09/2021.

GUIDON, N. Roda Viva. **Niède Guidon - 29/09/2014**. TV Cultura, 19 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AXa2e5AcU0E>>. Acesso em 15/5/2020.

SOUZA, S. M. “Dispersão de Homo sapiens e Povoamento dos Continentes” In: In: Ferreira, Luiz Fernando; Reinhard, Karl Jan; Araújo, Adauto. **Fundamentos da paleoparasitologia**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2011. p. 69-92.

Recebido para publicação em 30-09-21; aceito em 14-10-21